

Ana Paula Coutinho

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

## O português migrante: uma leitura da revista *Peregrinação*\*

Embora seja já vasta a bibliografia produzida por nacionais e estrangeiros sobre a emigração portuguesa, a sua dimensão cultural e literária tem sido utilizada, quando muito, enquanto documento de leitura sociológica ou antropológica, mas pouco explorada, desde logo em termos criativos e, conseqüentemente a nível da crítica literária, ainda que saibamos que a relação entre essas duas instâncias é, com frequência, mais recíproca do que unilateral.

Se pode ser exaltante a imagem do Portugal das Descobertas (apesar de comprometida pelas teorias póscolonialistas); se pode ser interessante o Portugal ligado à primeira emigração liberal do século XIX ou a alguns vultos do Romantismo que se foram rendendo tanto ao desterro como aos enlevos do cosmopolitismo europeu; se ainda se pode condescender com certas iniciações juvenis ou passagens pelo Brasil nos inícios do século XX; se até o Portugal colono, sobretudo em África, pôde ser simbolicamente compensador, embora politicamente incómodo, já a fuga à miséria, à falta de perspectivas de sobrevivência ou de ascensão, primeiro para os EUA e depois para a Europa, nunca atraíram nem prestigiaram ninguém, a começar pelo Poder da nação que assim via expostos e denunciados os sinais do seu subdesenvolvimento – marcas indeléveis de injustiças e de fracasso colectivo.

À medida que as contingências se sobrepuseram à alegada e celebrada “vocação” dos portugueses para a aventura, e antes de ser de algum modo explorada por interesses económicos e discursos políticos, a emigração na sociedade portuguesa tornou-se numa realidade tão estruturante quanto culturalmente silenciada e/ou desprezada. Em termos especificamente literários, essas formas simbólicas de rasura continuam a legitimar o cerne da conclusão de Eduardo Lourenço, quando há mais de uma década, fazia notar que a “chaga” representada pela emigração portuguesa ainda não tinha encontrado uma voz à sua medida, se bem que salvaguardasse os exemplos mais relevantes tanto do lado da ficção, com Ferreira de Castro e José Rodrigues Miguéis, como

---

\* Este artigo insere-se numa pesquisa sobre “Literatura, migrações e dupla-pertença”, integrada no Projecto “Interidentidades”, do Instituto de Literatura Comparada – Margarida Losa – uma I&D financiada pela FCT.

do lado da poesia, com Jorge de Sena ou Casais Monteiro – enquanto grandes poetas do “desenraizamento”.<sup>1</sup>

Para aquele que tem sido também o nosso grande e desenraizado ensaísta, a subestima da figura do emigrante na literatura portuguesa prender-se-ia com o facto de a nossa emigração empírica nunca ter tido “uma conotação trágica, nem sequer verdadeiramente dramática, mas antes dolorosa e melancólica, sempre na esperança do regresso”<sup>2</sup>. Por outras palavras, é como se, em termos literários e culturais, a emigração funcionasse como um hiato magoado e denegado quer para os que partiram, quer para os que ficaram, subsistindo apenas como suporte de algumas fórmulas gastas e sazonais de cultura popular, quase exclusivamente ligada à “canção ligeira” e destinada a festividades rurais e/ou de comunidades emigrantes no estrangeiro.

Transposto o contexto português e as suas eventuais especificidades, a que não será de modo algum alheio o facto de a ferida de nação emigrante ser mais profunda ou complexa para aqueles cujo imaginário colectivo já teve honras de Império, podemos constatar que a própria designação de “literatura de emigração” se move num terreno onde a abrangência coexiste com múltiplas especificações; estas ao visarem, por seu turno, o rigor terminológico, mais do que uma teorização geral, não escondem também algum mal-estar perante a mistura de diferentes realidades sociais e culturais, irmanadas todavia pelas ideias de “deslocação” e de “expatriação”. Para uns, tratar-se-á sobretudo de assinalar a heterogeneidade da colectividade migratória, dando realce, nomeadamente no caso português, à emigração de membros da comunidade intelectual (escritores, professores, cientistas, artistas, jornalistas...), de modo a rever um certo estereótipo literário do “emigrante”<sup>3</sup>. Para outros, não é pacífico que o termo “literatura de emigração” designe tão-só a categoria de uma produção literária caracterizada pelas circunstâncias sócio-culturais da escrita no estrangeiro, já que, como “tópico literário”, “literatura de emigração” pode englobar obras que foram escritas no país do autor, embora se relacionem com situações de e/imigração (consoante a perspectiva)<sup>4</sup>. Mas, outros ainda, consideram fundamental distinguir as correntes migratórias ao longo da História, tendo em conta as diferenças de perspectiva e de estatuto dos que se afastam da sua terra (e que, por vezes, continuava a ser o mesmo país...), de modo que, para esses estudiosos, será abusivo confundir “Literatura da Emigração” e “Literatura da Expansão”<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Eduardo Lourenço, *A Nau de Ícaro* seguido de *Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa, Gradiva, 1999, p.47.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

<sup>3</sup> Vd. José Rodrigues de Paiva/Cláudio Aguiar, *Literatura e Emigração*, Recife, Associação de Estudos Portugueses – Jordão Emerenciano, 2001.

Sobre a diversidade de situações e de motivações da emigração portuguesa, cf. os inúmeros estudos de Maria Beatriz Rocha-Trindade, nomeadamente o intitulado *Da Emigração às Comunidades Portuguesas* (Lisboa, Edições Conhecer, 1982).

<sup>4</sup> Como são os casos das ficções que Olga Gonçalves dedicou aos emigrantes portugueses na Europa: *A Floresta de Bremerhaven* (1975), *Este Verão o Emigrante là-bas* (1977) e *Eis uma história* (1992).

<sup>5</sup> Vd. Manuel G. Simões, “Literatura Portuguesa da Emigração e Literatura da Expansão”, *Textos da Diáspora*, *op.cit.*, pp.108-114. Uma posição semelhante é defendida por Eduardo Lourenço, no ensaio já atrás citado “A nau de Ícaro ou o fim da emigração”. Em contrapartida, os estudos sociológicos têm considerado as saídas massivas de população portuguesa, já ao longo dos séculos XV e XVI, como verdadeiros fluxos emigratórios (Vd. AAVV – *Portugal Migrante* (Org. José Luís Garcia), Oeiras, Celta Editora, 2000).

Entretanto, tem-se também assistido a uma tendência terminológica para abdicar do sentido preciso dos movimentos migratórios, apesar de o conceito de “migração” arrastar consigo um domínio vasto de áreas afins, mas nem sempre coincidentes, tais como “literatura de exílio”, “literatura colonial”, “literatura póscolonial”, literatura exófona ou “literaturas emergentes”. Como se pode ler no *Dictionnaire International des Termes Littéraires*<sup>6</sup>, as correlações entre essas áreas delimitam empiricamente aquilo a que aí se designa como “problemáticas literárias das diásporas”, aproveitando uma tendência transversal a vários discursos sociais, embora não consensual, de libertar o termo “diáspora” do seu sentido histórico de “dispersão do povo judeu”.

Qualquer que seja a terminologia adoptada, uma questão central em termos literários residirá em distinguir aquilo que releva das circunstâncias pragmáticas, que estiveram na génese ou rodearam a escrita dos textos, daquelas que são as suas características estéticas, formais ou ideológicas, e o mundo para que estas reenviam.

Se, por um lado, os critérios exclusivamente estéticos se revelam insuficientes para abordar o texto literário ou a Arte em geral, por outro lado, aquela que é a autonomia relativa da Literatura permite-nos compreender que haja uma “literatura de emigração” que não seja necessariamente “literatura emigrante” ou vice-versa. Por outras palavras, as condições externas de produção dos textos, o estatuto legal ou jurídico dos autores não pode ser condição suficiente, ou por si só determinante, para uma categorização das suas obras. Do mesmo modo, à partida ou em teoria, “literatura emigrante” será toda aquela que, independentemente das circunstâncias e referências extra-textuais, incorpora como projecto de escrita o desenraizamento (e no contexto da história literária, a modernidade representa um momento particularmente intenso de toda a deriva psicológica, linguística, estética...), para além de poder designar também o dinamismo de interpenetração de diferentes literaturas que sempre esteve na génese da evolução literária e da história das ideias em geral. Não obstante, na prática, depara-se frequentemente com uma sinonímia implícita entre “literatura de emigração” e “literatura emigrante” que, pelo exposto, pode resultar numa associação em qualquer dos casos abusiva ou condicionadora.

Este breve excuroso em torno ora da fluidez, ora da complexidade terminológicas que têm pautado o binómio Literatura-Migração, vem a propósito da própria revista *Peregrinação* de que me proponho apresentar aqui uma leitura global e orientada.

Publicada ao longo de seis anos (entre 1983 e 1989), num total de 24 números, redigida a partir da Suíça mas com colaborações e delegações que se vieram a estender um pouco por todo o mundo, *Peregrinação* começou por apresentar-se como uma “Revista das Artes e Letras de Expressão Emigrante”, resultante da iniciativa individual de um “emigrante invulgar”, como oportunamente chamou Eugénio Lisboa a José David Rosa<sup>7</sup> – um alentejano com reduzida escolaridade, que emigrou para a Alemanha em 1962 e depois para a Suíça.

<sup>6</sup> Fundado em 1964 pela Associação de Literatura Comparada e sob a direcção de Robert Escarpit, é actualmente coordenado pelo Programa de Teoria e Terminologia literárias da Universidade de Limoges. Vd. [www.ditl.info/](http://www.ditl.info/)

<sup>7</sup> Cf. Eugénio Lisboa, “José David Rosa – Um emigrante invulgar”, *Textos da Diáspora - Homenagem a José David Rosa*, Organização de Manuel G. Simões, Henrique Madeira e Luciano Caetano Rosa, Berlim, Avinus Verlag, 2002, p. 49.

Auto-didacta mas leitor insaciável, José David Rosa empenhou-se no propósito ambicioso de levar a todos os continentes “a mensagem dos artistas de expressão emigrante”, convicto daquilo que foi surgindo como lema quer implícito, quer explícito da revista: “A grandeza de um Povo mede-se pela sua Cultura” e procurando contrariar aquela que parecia uma ausência, quase fatal, de actividade cultural e literária entre a emigração portuguesa.

Todavia, a partir do seu nº 7 (Janeiro de 1985), *Peregrinação* passou a designar-se como “Revista de Artes e Letras da Diáspora Portuguesa”, correspondendo à tendência, já atrás apontada, de incluir no termo “diáspora” vários tipos de deslocação ou de ausência do país de origem, e contornando assim também o próprio termo “emigrante”, por vezes evitado ou rejeitado ora por purismo técnico, ora por preconceito sociocultural<sup>8</sup>.

É já a nível do título principal da revista que se pode discernir o enquadramento existencial, literário e até religioso, em que se foi depois desenvolvendo a experiência emigrante, desde logo, no domínio das Letras, isto é nos textos poéticos, ficcionais ou cronísticos que nela se publicaram.

Com efeito, não se tratou apenas de fazer uma alusão indirecta à *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, mas de adoptar este autor/personagem do lado menos heróico ou sublimado da gesta lusitana como referência central da “perimigração” dos tempos modernos. Por isso mesmo, a viagem de cada emigrante, atravessando a medo as barreiras alfandegárias, deixa ver, como diz um poema de José Brites, “o reflexo assustado/ de Fernão Mendes Pinto”<sup>9</sup>. Ao mesmo tempo, a homenagem àquele que foi um misto de navegador, diplomata e pedinte surge para questionar o seu obscurecimento ou desvalorização a favor de Camões:

“Foi de ternura o fado, o medo posto  
e tu mendes pinto renegado  
o tudo que em camões é (sobre) posto  
ao teu génio vadio foi roubado.

Mas não te dê cuidado tal desmando  
que roubos sempre os houve na história  
honesto foste tu, que importa o mando  
mais dura o nobre porte que a glória”<sup>10</sup>

Pode inferir-se daqui a vontade de problematizar uma determinada tradição socio-literária, a que noutros momentos se reage ou por crítica mais directa<sup>11</sup>, ou por remi-

<sup>8</sup> A propósito, quando *Peregrinação* perfez um ano de existência, podia ler-se no seu editorial: “Surgindo do nada e erguida por franco-atiradores fora dos círculos políticos e intelectuais sem apoios de qualquer espécie, tem sido uma caminhada dura e só possível pela entrega total dos que acreditam na cultura de expressão emigrante, enteada da cultura intra-muros e, – pasme-se! – rejeitada também por muitos dos seus membros.” (*Peregrinação*, 4, Abril de 1984, p.1)

<sup>9</sup> Cf. Poema de José Brites, “Perigrimação”, *op.cit.*, 2, Janeiro de 1983, p.24.

<sup>10</sup> Urbino de San-Payo, “Português Limerick”, *op.cit.*, 4, Abril de 1984, p.19.

<sup>11</sup> Como acontece no decurso de umas declarações, essencialmente exaltadas, ao livro de José David Rosa, *Retrato do artista quando jovem cão emigrante*, onde o articulista aproveita para zurzir alegadas características do campo literário português e para sugerir uma renovação dos programas de Português nas Universidades estrangeiras – *op.cit.*, 8, Abril de 1985, p.10.

ção simbólica dos “heróis de que ninguém fala// e que Ítaca despede nos avulsos navios./ Novos Ulisses, estes, mas de nenhuma fama.”<sup>12</sup>.

E se “Peregrinação” pode convocar ainda uma relação intertextual com o autor de *Peregrinatio ad loca infecta*, que aliás surge directamente invocado por Henrique Madeira em “Alguns epitáfios para Jorge de Sena”, onde a homenagem torrencial se associa à profecia do resgate desse “vulto maior do emigrado, do exilado, do indesejado”<sup>13</sup>, não deixa de ser também muito significativa a conotação religiosa que a aproxima do êxodo bíblico<sup>14</sup>, acabando por alargá-la a uma forma da condição humana<sup>15</sup>.

Apesar desses esboços de fundamentação ontológica, histórica ou literária, é indubitável que foi na articulação da escrita com uma experiência concreta de vida (emigrante/exilada) que a revista *Peregrinação* procurou encontrar o seu espaço de acção cultural. Assim, das cerca de três centenas de colaboradores que concorreram para este projecto editorial, a sua grande maioria tinha saído da pátria e residia no estrangeiro (pelo menos na altura). Propositadamente ou não, e à excepção de algumas – poucas – apresentações ou entrevistas a colaboradores mais regulares, nada é dito sobre os autores dos textos, nem das obras plásticas reproduzidas, a não ser o país/ terra de residência. Ora, se, por um lado, é especificada a dispersão geográfica dos autores, já por outro é criado como que um efeito de individualidade anónima, pois o leitor pouco ou nada fica a saber sobre os nomes apresentados, de modo que grande parte dos textos, e em especial os poemas, apesar de algumas distinções estilísticas, passam a poder ser lidos como se pertencessem a uma única e colectiva “voz de emigrante”.

Torna-se inevitável constatar que essa abertura e uniformidade de apresentação na revista, que visaria criar um sentimento de unidade entre a diáspora portuguesa, resultava contudo em manifestos desequilíbrios do ponto de vista literário (a juntar ainda a frequentes deficiências (orto)gráficas), tanto mais compreensíveis quanto surgiam a par textos escritos por indivíduos de estatuto sociocultural bastante distinto: desde prosadores e poetas certamente com uma reduzida escolaridade, a outros claramente mais instruídos e até com (alguma) obra publicada, ou mesmo a autores já consagrados, como o já referido Jorge de Sena ou José Rodrigues Miguéis.

Nessa heterogeneidade ficaram radicadas simultaneamente a especificidade, a ousadia e as limitações de uma revista que, pelo dinamismo e projecto global a ela associado<sup>16</sup>, julgo ser merecedora de mais do que uma abordagem sociológica ou do que uma referência bibliográfica numa futura “História da Emigração Portuguesa no século XX”.

Antes de mais, do ponto de vista literário e cultural, *Peregrinação* representou o esforço de manter viva a língua portuguesa não apenas como instrumento de ligação entre portugueses residindo no estrangeiro, mas também como língua de investigação de temas relacionados com a emigração, com a Literatura e a Cultura Portuguesas,

<sup>12</sup> Manuel Simões, “Ao Largo de Ítaca”, *op.cit.*, 7, Janeiro de 1985, p.23.

<sup>13</sup> Henrique Madeira, “Alguns epitáfios para Jorge de Sena”, *op.cit.*, 2, Janeiro de 1983, p. 18.

<sup>14</sup> Inês Sarre, “Em torno do Salmo 136”, *ibidem*, p. 12.

<sup>15</sup> Mário Schulte, “Sempre Peregrinos”, *op.cit.*, 5, Julho de 1984, p. 5.

<sup>16</sup> *Peregrinação* viria a tornar-se também Editora, tendo publicado vinte e cinco títulos de obras em prosa e poesia de autores emigrantes/exilados. Ainda na década de 80, enquadrada numa “Fundação Cultural dos Emigrantes”, promoveu também encontros culturais da diáspora portuguesa.

e ainda como manancial de emoções e convicções daqueles “desterrados” para quem a língua materna era a própria representação da pátria.

Apesar da mestiçagem linguística observada em alguns núcleos de emigração, especialmente nos Estados Unidos, de que Eduardo Mayone Dias se assumiu como um dos principais entusiastas e defensores<sup>17</sup>, a maioria dos textos publicados em *Peregrinação* demonstra resistir aos cruzamentos do português com as outras línguas dos países de residência dos seus autores. De resto, de acordo com as informações que foram sendo divulgadas nos sucessivos números da revista, são raríssimos aqueles que optaram por escrever e publicar na língua do país de imigração.

É por conseguinte num português espalhado por diferentes continentes (embora com a natural prevalência da Europa e dos Estados Unidos) que podemos recuperar, ao longo das muitas centenas de páginas dos seis anos de *Peregrinação*, alguns dos temas e motivos mais estruturantes de uma “literatura de emigração”, como seja: a viagem, a dor da ausência, a saudade, o choque cultural, o sentimento de divisão interior, a fissura entre aqueles que partem e os que ficam, o (desejo do) regresso à terra natal...

Uma tendência geral, marcante e significativa, é aquela que manifestamente esbate a realidade circundante a cada um dos autores, a favor de um Portugal sempre implícito/explicito. O espaço do desejo, da ligação visceral com a terra-mãe cria cápsulas de sobrevivência, mas também de alheamento e evasão das terras de acolhimento: no poema “Inverno em Veneza”, um poeta acaba por concluir “Não existe Veneza, só a sua aparência”<sup>18</sup>; outro, em “Hollywood”, admite: “Sunset Strip/pouco mais pra ver/O resto?/ Pode-se esquecer.”<sup>19</sup>; enquanto a outro, o facto de olhar longamente o Lago Léman faz-lhe sentir a ausência do mar<sup>20</sup>.

Poder-se-á dizer que, em termos identitários, esta ligação constante ao espaço ausente – a pátria – responde, por um lado, a uma falha estruturante e dolorosa, porquanto “Homem sem terra/ é homem que não existe”<sup>21</sup>, mas, por outro, resulta também numa espécie de denegação do próprio “ser migrante”, uma vez que as evocações espaciais da escrita presentificam mais a terra natal do que o lugar estrangeiro onde radica, afinal, a própria condição de e/imigrante. Estar literalmente “fora do lugar” ou deslocado, sentir-se no cruzamento de diferentes espaços passa a constituir uma experiência tão invasiva quanto um estado de delírio, uma “Loucura ou outra coisa”<sup>22</sup>, descrita pelo poeta em desvario intercalado pelo tom familiar de uma carta de circunstância:

“(…)

Mas por aqui tudo bem, felizmente

O Sena adormece aos pés da Notre Dame  
à espera duma auto-estrada até ao mar

<sup>17</sup> Cf. Eduardo Mayone Dias, “A minha língua é a minha pátria”, *op.cit.*, 2, Janeiro de 1983, pp. 6-7 e “Françês, Portolândês e Portinglês (Ou algumas considerações sobre três falares emigreses)”, *op.cit.*, 21, Julho/Setembro 1988, pp. 13-15.

<sup>18</sup> Cf. poema de Manuel Simões in *op.cit.*, 9, Julho-Setembro 1985, p.22.

<sup>19</sup> Cf. poema de Arnaldo Baptista, *ibidem*, p.23.

<sup>20</sup> Cf. José Rosa Sampaio, *ibidem*, p.24.

<sup>21</sup> Manuel Pimentel, “Eles não têm nome”, *op.cit.*, 5, Julho de 1984, pp.30-31.

<sup>22</sup> António Topa, *ibidem*, p.24.

e Nossa Senhora dos Mareantes do Rio Douro  
disfarça-se de empregada de bar  
porque acredita nos homens  
e nos sonhos que adormecem num copo de vinho  
como o Douro aos pés da Torre Eiffel

Mas ainda assim, por aqui tudo bem felizmente

O pior são os navios que esperam o elevador  
enquanto que alguns marinheiros desorientados  
discutem a direcção dos ventos e os preços  
sobretudo o preço do leite que uma velha  
sentada junto ao farol de Leça  
anuncia num pregão insólito:

“Leite da senhora do ó,  
padroeira de amantes e vagabundos,  
peregrinos, ciganos e emigrantes,  
cura todas as feridas, mesmo as do tempo,  
e é melhor do que os tremoços...”

E por aqui tudo bem, felizmente  
(...)”<sup>23</sup>

Justamente porque se trata de uma relação vivida à distância e fantasmagórica, esta ligação a Portugal sustenta-se numa ambivalência permanente de emoções fortes e extremadas, entre o afecto e ressentimento: desde a isotopia da relação filial com a pátria, enquanto lugar materno de felicidade e pacificação (“[LUSA TERRA] só tu és minha pátria, minha mãe”<sup>24</sup>), até à denúncia da sua delapidação (“No meu inglório Portugal, / Já não há *culpabilidades*: / Todos procuram um bernal/ Sob aromáticas personalidades.”<sup>25</sup>), a dissuadir o mais habitual anseio de regresso<sup>26</sup>. Perante tamanha encruzilhada de sensações e sentimentos, e depois de insistentes vitupérios, lê-se o desabafo: “Tanta e tão pouca coisa numa só/ Que se calhar é teoria tramação/ Como resolver tamanho teorema da ternura”<sup>27</sup>.

Por sua vez, a ânsia ou a necessidade da partida que surgem, com frequência, evocadas e glosadas como herança de um passado de navegadores e aventureiros, acabam por se tornar fonte de frustração e desalento, quando a realidade circundante é confrontada tanto com as expectativas individuais, como com a glória atávica da tradição colectiva: “Ah, que eu nasci para trepar montanhas e arrasto-me na sombra do *subway!*” – suspirava José Rodrigues Miguéis, num poema inédito escrito em Nova Iorque e datado de 1940-1941<sup>28</sup>, enquanto Manuel Campos, identificando-se com o Povo que

<sup>23</sup> António Topa: “Carta para Romeu, homem do Porto, emigrante em Moçambique”, *op.cit.*, 2, Janeiro de 1983, p.20.

<sup>24</sup> Luiz Manuel, “Lusitaniada”, *ibidem*, p.15.

<sup>25</sup> Rufino Duarte, “Responsabilidades”, *op.cit.*, 3, Janeiro de 1984, p. 26.

<sup>26</sup> Vd. José Pereira, “Castigo”, *op.cit.*, 9, Julho-Setembro, 1985, p.29.

<sup>27</sup> António Topa, “Nove letras à chapada”, *op.cit.*, 3, Janeiro de 1984, p. 27.

<sup>28</sup> *Op.cit.*, 2, Janeiro de 1983, p.23.

interpela, aponta a dor do seu destino paradoxal: “ Tu que já passaste o Bojador/ e que fizeste frente a tanto perigo/ Não consegues passar além da dor, nem dessa saudade que nasceu contigo. (...) Tu vestes a nudez da tua terra/ que faz de ti vencido, sendo herói!”<sup>29</sup>.

Em especial no que diz respeito aos poemas (maioritários no contexto dos textos literários da revista), não será exagerado concluir que prevalece neles um tom marcadamente disfórico, que aliás se coaduna com aqueles que costumam ser os vectores temáticos de uma “literatura de e/imigração” (portuguesa ou outra). Embora esteja obviamente fora de questão atribuir, por si só, quaisquer julgamentos de valor estético a essa mundividência sombria, não poderá deixar de ser legítimo notar que o facto de muitos dos textos estarem “presos” ou “rentes” às circunstâncias de vida ou de experiência dos seus autores, lhes confere um estatuto sobretudo documental, em detrimento de uma consistência estética. Por outras palavras: carecem de um trabalho de transfiguração a partir das experiências directas, a que Rilke tão bem se referiu nos seus célebres *Cadernos de Malte Laurids Bridge*<sup>30</sup>. Só essa forma de distanciamento faz com que um texto literário, sem necessitar desprender-se completamente do mundo exterior à linguagem, se emancipe dele, erguendo-se como sua metáfora, no sentido ricoeuriano de “redescrção da realidade”.<sup>31</sup>

Existem, claro, alguns poemas e contos que correspondem a essa consciência e investimento textuais, isto é, cuja construção discursiva representa, mais do que apresenta, realidades migrantes. A título de exemplo, poder-se-á referir o pequeno texto ficcional “Sara”, de Maria Gaciete Besse, escrito numa prosa lírica calculadamente des centrada nas suas focalizações, sobrepondo tempos, espaços e discursos. Sem que alguma vez se fale *de* emigração, o texto arranca com aquilo que pode ser interpretado como uma sua condensação simbólica:

“Respiro o país como uma ausência. Longo caminho através do Inverno. Trago resquícios de terra nos pulmões: é o que me faz não morrer e torna difícil o sopro”<sup>32</sup>.

É o próprio imaginário do texto que continua, depois, através da sua construção discursiva a sugerir a distância, a solidão, as ruínas e morte de um “Retrato a flutuar nas águas lodosas da memória.”<sup>33</sup>. Poder-se-ia também, entre outros, citar quer o recorte lapidar, de tão brevemente elíptico, de uma “crónica de vida” apresentada por George Monteiro no poema “Contagem”<sup>34</sup>, quer a vivacidade acutilante da sátira social,

<sup>29</sup> Cf. “Onde a terra acaba e o mar começa”, *op.cit.*, 4, Abril de 1984, p.27.

<sup>30</sup> « Porque os versos não são, como as gentes pensam, sentimentos (esses têm-se cedo bastante), – são experiências. (...) E também não é ainda bastante ter recordações. É preciso saber esquecê-las quando são muitas, e é preciso ter a grande paciência de esperar que elas regressem. Pois que as recordações mesmas ainda *não são* o que é preciso. Só quando elas se fazem sangue em nós, olhar e gesto, quando já não têm nome e já não se distinguem de nós mesmos, só então é que pode acontecer que, numa hora muito rara, do meio delas se erga a primeira palavra de um verso e saia delas.” – Rainer Maria Rilke, *Os Cadernos de Malte Laurids Bridge*, Tradução de Paulo Quintela, Porto, *O Oiro do Dia*, 3ª edição, 1983, pp. 41-42.

<sup>31</sup> Paul Ricoeur, *La métaphore vive*, Paris, Seuil, 1975.

<sup>32</sup> Maria Gaciete Besse, “Sara”, *Peregrinação*, 14/15, Outubro de 1986 a Março de 1987, p. 105.

<sup>33</sup> *Idem*.

<sup>34</sup> *Op.cit.*, 4, Abril de 1984, p. 18.



assinada por José Brites em “ConferenCEIAS”<sup>35</sup>, ou também a curiosa consciência metapoética na “Visitação” de Mário Santos Schulte, que se move no interior do espaço da própria escrita:

“Amarga é a saliva, boca cheia de mágoa, crescente  
Os poros ofendidos pelo pó, vento muito vento  
A correria do sangue pelo sangue, o rio sempre ele  
Túneis abertos nos lábios da água, inocente

Aqui eu não sou estrangeiro!  
Aqui esqueço-me!

(...)

Retomo a escrita  
As palavras comem o prazer do sol  
Sentam-se no Cais das Colunas, desinteressadas  
Por isso continuarei amanhã  
Corrijo-me  
Continuo no amanhã  
Esta espécie de mistério com sabor a não sei o quê  
(...)”<sup>36</sup>

Relacionado ainda com esta dimensão mais intra-literária, importa realçar o esforço do próprio João David Rosa que procurou incutir à “sua” revista uma dinâmica de transmissão de experiências de leitura, seja através de alguns inquéritos subordinados ao tema “Os dez melhores romances que li”, seja através da inclusão de recensões críticas, da introdução de um “poeta convidado” (para além dos circuitos da emigração) ou da publicação de artigos sobre escritores portugueses de referência, como Camões, Fernando Pessoa ou Cesário Verde. Quer isto dizer que *Peregrinação* foi uma revista que, para além de funcionar como lugar de expressão de emigrantes, e consciente de que o património literário é sempre uma dimensão inalienável da própria escrita, procurou (in)formar também os seus leitores e colaboradores, fazendo circular a literatura portuguesa, independentemente de estar ou não ligada à emigração.

Depois de seis anos de existência, o que já não é pouco – convenhamos – para a média de vida das publicações literárias ou culturais, aconteceu o que profetiza a “blague” reportada por Onésimo T. de Almeida, quando lembra que existem dois tipos de negócio, à partida, condenados à falência: vender frigoríficos no Alasca e vender livros à comunidade portuguesa<sup>37</sup>. Ninguém duvidará que João David Rosa e a “sua” *Peregrinação* tiveram o grande mérito, ainda que com as fragilidades de concretização já apontadas, de tentar contrariar essa realidade estereotipada do emigrante (quase) analfabeto e fatalmente alheio à Literatura e às outras Artes.

Quinze anos passados depois do último número de *Peregrinação*, o seu maior desafio continua válido e oportuno: tornar presentes a língua e a cultura portuguesas

<sup>35</sup> *Op. cit.*, 6, Outubro de 1984, p.12.

<sup>36</sup> *Op. cit.*, 3, Janeiro de 1984, p.16.

<sup>37</sup> Onésimo Teotónio Almeida, “A Obra de Eduardo Mayone Dias – ou de como se leva a Imigração à Universidade e vice-versa”, *op. cit.*, 8, Abril de 1985, p. 11.

no estrangeiro, mas agora num contexto cada vez mais distinto, uma vez que não só, em rigor, já quase não cabe falar em emigrantes portugueses no espaço intra-europeu, como também tem vindo a decrescer significativamente a emigração dos portugueses para o continente americano. Por outro lado ainda, o desaparecimento das chamadas primeiras gerações de emigrantes, pela força da lei da vida, ou pelo regresso a Portugal, tem representado uma quebra significativa da presença da língua e cultura portuguesas junto das comunidades ligadas à nossa diáspora – uma função que, na maior parte dos casos, era rudimentarmente assegurada pela imprensa regional de que esses emigrantes eram assinantes e de que os seus descendentes acabam por se desvincular, ou por já não saberem ler português e/ ou por já não se reverem completamente nesse mundo e cultura de feições tão regionalistas quanto passadistas.

Por conseguinte, qualquer projecto literário, ou amplamente cultural, ligado à diáspora portuguesa deve ter em conta não apenas aqueles que se integram e tenderão cada vez mais a integrar-se num novo quadro sociocultural de migrantes ou de indivíduos em circulação, desde logo no espaço alargado da Comunidade europeia, como também os luso-descendentes e o seu habitual bilinguismo assimétrico, ou seja, aqueles para quem o português nunca é exactamente uma língua estrangeira, embora já não seja também a sua língua primeira. Razão pela qual, algumas publicações como *Latitudes*<sup>38</sup> ou *Gávea Brown*<sup>39</sup> têm optado pela abertura a colaborações quer em português, quer na língua do país onde são editadas. Mas, não parece que essa tendência possa ditar, por si só, um *Requiem* pela presença da língua portuguesa no estrangeiro. Aquilo que terá, sim, acabado é o tempo e modo de uma “peregrinação” ou culturalmente invisível por completa assimilação com o meio envolvente, ou demasiado centrada sobre si mesma, cristalizada em torno de alguns estereótipos identitários. Em contrapartida, continuará o desafio do “português migrante”, redescoberto nas relações implícitas com o estrangeiro, pela leitura e pela escrita daqueles para quem uma língua, não se esgotando na funcionalidade comunicativa do quotidiano, pode (e deve) ser configuração discursiva e simbólica tanto da sua migração interior, como do desejo de diversidade. Só assim poderão ser contrariadas todas as estratégias contemporâneas de uniformização, inclusive aquela que retira a cada indivíduo o património que é para si mais estruturante e, ao mesmo tempo, mais libertador, porque potencialmente criativo: a língua própria.

---

<sup>38</sup> *Latitudes - Cahiers lusophones* – revista fundada em 1997 e publicada em Paris.

<sup>39</sup> *Gávea-Brown - A Bilingual Journal of Portuguese-American Letters and Studies* – publicação do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown (Providence, USA).